

Ex-aluno da Unicamp, Marcelo Rubens Paiva explica seu processo de criação literária

Ambiente de paz, estudo e pesquisa

Desnecessário dizer a importância da Unicamp para Marcelo Rubens Paiva, escritor que raramente deixa passar batida a oportunidade de recorrer ao corte memorialista em sua obra. Depois da palestra, o escritor deu o seguinte depoimento sobre sua relação com a Universidade.

Tenho duas experiências de vida com a Unicamp. Na primeira, era um jovem de 17 anos, prestei vestibular e ingressei na Faculdade de Engenharia Agrícola (FEA), onde permaneci até dezembro de 1979, quando fiquei paraplégico numa festa de fim de ano. Quando voltei a estudar, não queria mais cursar engenharia agrícola e, como na Unicamp não havia jornalismo, decidi me matricular na USP.

Tinha uma certa mágoa com Campinas e com a Unicamp, talvez porque ambas foram fator de tragédia na minha vida, um tropeço. Reconheço que passei um período maravilhoso aqui. Mas, também, foi um época estranha: a Unicamp te deixava um pouco fora do que realmente estava acontecendo. Era uma espécie de ilha da fantasia. Hoje em dia, nem é mais, já que a violência em Campinas se iguala à de São Paulo. Foram três anos maravilhosos para a minha relação pessoal, mas péssimos para a minha formação – as coisas estavam acontecendo no eixo Rio-São Paulo e eu me sentia um pouco isolado.

Aí, quando decidi fazer o mestrado, pensei na Unicamp. Pretendia estudar teoria literária e escrever um romance. Queria retomar esse lado pessoal, esse ambiente de paz, estudo e pesquisa. Decidi então me matricular no IEL, onde fiquei de 1991 a 1994.

A memória afetiva e outras memórias

Foi um breve acerto de contas com a memória afetiva. Ao participar dia 27 de novembro do evento *Leituras Literárias*, o escritor, jornalista e dramaturgo Marcelo Rubens Paiva, 43, viu-se no mesmo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) onde cursou pós-graduação entre 1991 e 1994. Foi lá que ganhou forma seu romance *Não é Tu, Brasil* (1996), ponto central do debate realizado no auditório do instituto. Nos reencontros, as lembranças invariavelmente espraiam por campos difusos. No caso do escritor, convergiram para o autobiográfico, estilo recorrente desde sua estréia em *Feliz Ano Velho* (1982), best-seller que o consagrou.

À platéia formada em sua maioria por estudantes, Paiva detalhou algumas das etapas da feitura de *Não é Tu, Brasil*, obra que funde elementos históricos e ficcionais. Na sua confecção, admite o escritor, foram esclarecidas as dúvidas sobre o paradeiro de seu pai, o deputado Rubens Paiva, desaparecido em 1971 por figurar no índice da ditadura militar. Seu crime foi ter sido relator da CPI do Ipes-Ibade, institutos que apoiaram o golpe de 64, não por obra do acaso mesmo ano da investigação na Câmara e da posterior cassação do parlamentar. Feitas as contas, deduz-se que os generais linha-dura esperaram sete anos para perpetrar a vingança.

Pesquisa – A matemática de Paiva foi outra. So-



Foto: Neldo Cantanti

Marcelo Rubens Paiva, que participou do projeto *Leituras Literárias*: volta ao IEL depois de 8 anos

mando-se os anos da ausência do pai – cujo corpo jamais foi encontrado –, atravessou duas décadas de angústia, até ir à luta no começo da década de 1990. Em paralelo à pós-graduação na Unicamp, o escritor decidiu pesquisar a trajetória de Rubens Paiva, um empresário bem-sucedido e nada afeito à luta armada, embora generoso com os perseguidos políticos, muitos dos quais retirados do país por sua interferência.

A empreita, levada a cabo durante seis anos, foi mais que uma exumação de um período nebuloso. Paiva foi fundo no mergulho nas coisas do passado. Vasculhou bibliote-

cas, percorreu arquivos, recolheu dezenas de depoimentos de pessoas que estiveram dos dois lados – ex-presos políticos que foram torturados e seus algozes. “Foi chocante”, revelou o escritor, referindo-se às descobertas. “O romance finalmente enterrou meu pai”.

O conjunto do material, explicou Paiva à platéia, lapidou o corpo de *Não é Tu, Brasil*, romance ambientado em 1969 no Vale do Ribeira. A escolha geográfica não foi aleatória. Era lá, numa fazenda de propriedade da família, que o escritor passava férias na infância. Como também foi lá nas monta-

nhas da região que Carlos Lamarca e seus companheiros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) escaparam ao cerco de 1.500 homens comandados pelo coronel Erasmo Dias.

Ao cruzar os relatos de seus amigos do Ribeira com os de Erasmo Dias, por exemplo, Paiva descobriu que o episódio – tido como um exemplo de resistência heróica pela guerrilha da época – teve lances rocambolescos, sobretudo por parte dos subordinados do coronel, que batiam cabeça nas franjas da mata fechada. Teatro de guerra à parte, o escritor envolveu-se com a história de Lamarca, eleito protagonista de *Não é Tu, Brasil*. “Pelos depoimentos que colhi para compor o personagem, cheguei à conclusão de que ele era uma pessoa muito sensível e afável”.

Depois de esquadriñar personagens e responder a perguntas (“estou me sentindo num julgamento”, brincou), Paiva falou rapidamente por que vem se dedicando à dramaturgia nos últimos anos. Descontada a adaptação de *Feliz Ano Velho*, vista

por mais de um milhão de pessoas, a afinidade é antiga. *525 Linhas*, por exemplo, foi publicada em 1989. Outras três peças suas foram encenadas com sucesso e uma quarta – que resvala nos conflitos de sua geração – acaba de estrear em São Paulo. O nome? *No Retrovisor*. Nada mais Marcelo Rubens Paiva.

Escritor investigou trajetória do pai

UN CAMP NA IMPRENSA

EPTV

3 de dezembro - Um estudo coordenado pelo Instituto de Economia da Unicamp deve servir de base para a política de desenvolvimento industrial do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva. Desenvolvido para fortalecer o parque industrial e torná-lo competitivo, o estudo divide o setor em quatro grupos distintos. Para cada um dos grupos, os pesquisadores sugerem um tipo de política governamental.

Folha de S. Paulo

2 de dezembro - Segundo o professor de economia da Unicamp, Luiz Gonzaga Bellu-

zzo, será preciso conter aumentos salariais para que a inflação não entre em descontrole. Não deverá haver recuperação da renda das famílias brasileiras, corroída pela aceleração da inflação, se o próximo governo não quiser perder o controle dos preços.

1º de dezembro - Mudar a estrutura sindical brasileira e manter o apoio dos dirigentes sindicais será um dos grandes desafios do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Para Leônicio Martins Rodrigues, professor titular do Departamento de Ciências Políticas da Unicamp, e para Marco Antonio de Oliveira, pesquisador e professor de Economia do Trabalho da Unicamp, a resistência às reformas é forte.

1º de dezembro - O secretário nacional de Esportes, Lars Graef, fará o lançamento oficial do seu livro “A Saga de um Campeão” durante a realização do ‘Esporte e Lazer em debate’, que acontece em Campo Grande, nos dias 5 e 6 próximos. Grandes nomes do esporte ministrarão palestras sobre o assunto, entre eles Georgette Vidor, técnica de Ginástica Olímpica do Flamengo, Rejane Penna Rodrigues Secretária Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre, Gilmar Machado, deputado federal e membro da Frente Parlamentar do Desporto, Rinaldo Feitosa, gerente de marketing do Banco do Brasil e José Luiz de Paiva, profissional atuante na área de estudo da Educação Física, Recreação e Lazer da Unicamp.

1º de dezembro - Para o ex-presidente da Fapesp e atual reitor da Unicamp, Carlos Henrique de Brito Cruz, o crescimento do venture capital no País é uma novidade muito positiva. Segundo ele, sempre houve dificuldades no Brasil para o desenvolvimento de empresas baseadas em tecnologia. “Até há programas que fazem o financiamento inicial, mas faltava essa segunda fase”, explica. “Na qual um investidor se associa a uma pequena empresa para desenvolvê-la. Isso é comum em outros países. O Vale do Silício nos Estados Unidos começou assim.” Professor da Unicamp e consultor do PT, Ricardo Carneiro lembra que a elevação da taxa básica (Selic), em nome da contenção do IPCA, é uma fantasia monetarista. A Selic punitiva alcança apenas 22% dos preços. Pois 17% são inerciais,

18% são administrados pelo governo e 43% estão dolarizados pelo mercado.

1º de dezembro - A pequena Morungaba, cidade de 11 mil habitantes que fica a 103 quilômetros de São Paulo e a 42 de Campinas, quer ser um marco brasileiro na revolução que as novas tecnologias estão trazendo ao setor de telecomunicações. Um projeto desenvolvido pela Unicamp pretende integrar a comunicação e serviços de toda a cidade por intermédio da Infovia Municipal. O programa piloto prevê inicialmente a interligação de instituições públicas como a Prefeitura, o centro de saúde, o hospital local e as escolas municipais, mas o objetivo final é abarcar todos os setores e até as residências locais.

■ **Panorama Brasil**

■ **Estadao.com.br**